

Sobre escrever cartas... de um mundo líquido moderno

Cartas de um mundo líquido moderno... Foi isso que os editores de *La Repubblica delle Donne** me pediram para escrever e enviar aos seus leitores a cada quinze dias. É o que venho fazendo há quase dois anos.**

Cartas que vêm do mundo “líquido moderno”, quer dizer, o mundo que eu, o autor das missivas, e vocês, possíveis, prováveis, esperados leitores, compartilhamos. O mundo que chamo de “líquido” porque, como todos os líquidos, ele jamais se imobiliza nem conserva sua forma por muito tempo. Tudo ou quase tudo em nosso mundo está sempre em mudança: as modas que seguimos e os objetos que despertam nossa atenção (uma atenção, aliás, em constante mudança de foco, que hoje se afasta das coisas e dos acontecimentos que nos atraíam ontem, que amanhã se distanciará das coisas e acontecimentos que nos instigam hoje); as coisas que sonhamos e que tememos, aquelas que desejamos e odiamos, as que nos enchem de esperanças e as que nos enchem de aflição.

* Revista semanal dirigida ao público feminino, dedicada a temas relativos a política, economia e cultura contemporâneas. (N.T.)

** As cartas foram escritas em 2008 e 2009, e reunidas, editadas e ampliadas para este livro.

As circunstâncias que nos cercam – com as quais ganhamos nosso sustento e tentamos planejar o futuro, aquelas pelas quais nos ligamos a algumas pessoas e nos desligamos (ou somos desligados) de outras – também estão sempre mudando. Oportunidades de alegria e ameaças de novos sofrimentos fluem ou flutuam no ar, vêm, voltam e mudam de lugar; na maioria das vezes, fazem isso com tamanha rapidez e agilidade que não conseguimos tomar uma providência sensata e eficaz para direcioná-las ou redirecioná-las, para conservá-las ou interceptá-las.

Para resumir a história: esse mundo, nosso mundo líquido moderno, sempre nos surpreende; o que hoje parece correto e apropriado amanhã pode muito bem se tornar fútil, fantasioso ou lamentavelmente equivocado. Suspeitamos que isso possa acontecer e pensamos que, tal como o mundo que é nosso lar, nós, seus moradores, planejadores, atores, usuários e vítimas, devemos estar sempre prontos a mudar: todos precisam ser, como diz a palavra da moda, “flexíveis”. Por isso, ansiamos por mais informações sobre o que ocorre e o que poderá ocorrer. Felizmente, dispomos hoje de algo que nossos pais nunca puderam imaginar: a internet e a web mundial, as “autoestradas de informação” que nos conectam de imediato, “em tempo real”, a todo e qualquer canto remoto do planeta, e tudo isso dentro de pequenos celulares ou iPods que carregamos conosco no bolso, dia e noite, para onde quer que nos desloquemos.

Felizmente? Bem, talvez nem tanto, pois o pesadelo da informação insuficiente que fez nossos pais sofrerem foi substituído pelo pesadelo ainda mais terrível da enxurrada de informações que ameaça nos afogar, nos impede de nadar ou mergulhar (coisas diferentes de flutuar ou surfar). Como filtrar as notícias que importam no meio de tanto lixo inútil e irrelevante? Como captar as mensagens significativas entre o alarido sem nexos? Na balbúrdia de opiniões e sugestões contraditórias, parece que nos

falta uma máquina de debulhar para separar o joio do trigo na montanha de mentiras, ilusões, refugio e lixo.

Proponho-me fazer nessas cartas o que essa máquina hipotética (desgraçadamente ausente, e talvez por muito tempo) poderia realizar por nós se a tivéssemos à mão: pelo menos começar a separar as coisas que importam das matérias não substanciais – que parecem ser cada vez mais importantes –, dos alarmes falsos e dos fogos de palha. Mas como nosso mundo líquido moderno está em constante movimento, somos perpetuamente arrastados na viagem, por bem ou por mal, conscientemente ou não, alegres ou infelizes, mesmo que tentemos ficar parados, sem sair do lugar. Essas cartas, portanto, só podem ser “relatos de viagem” – embora seu autor não tenha arredado o pé de Leeds, a cidade onde mora. As histórias que elas irão contar serão “conferências de viagem”: histórias de e sobre viagens.

Walter Benjamin, filósofo com um olhar especialmente arguto para qualquer indício de lógica e sistemática nas trepidações culturais em aparência mais difusas e aleatórias, costumava distinguir dois tipos de narrativa: as histórias de marinheiro e as histórias de camponês. As primeiras são narrativas de ações bizarras e inauditas que se passam em lugares distantes, nunca visitados (provavelmente jamais o serão), de monstros e mutantes, bruxas, feiticeiros, cavaleiros galantes e cruéis malfeitores – seres que não combinam com as pessoas que ouvem o relato de tantas proezas; eles fazem coisas que outros (sobretudo os ouvintes enfeitizados pelas histórias do marinheiro) jamais imaginariam ver e menos ainda realizar.

As histórias de camponês, ao contrário, são narrativas de acontecimentos próximos, aparentemente familiares, como o eterno ciclo das estações do ano ou as tarefas cotidianas da casa, da terra e da lavoura. Eu disse *aparentemente* familiares porque também é ilusória a sensação de conhecermos esses acontecimentos muito bem e de confiarmos que nada de novo há a aprender com eles ou sobre eles – consequência de serem esses eventos

próximos demais dos nossos olhos para podermos enxergá-los com nitidez. Nada escapa tanto e tão obstinadamente a nossa atenção quanto “as coisas que estão à mão”, o que está “sempre aí” e “não muda nunca”. É como se elas “se escondessem sob a claridade” – sob a luz enganosa e ilusória da familiaridade! Sua “normalidade” é uma espécie de cortina que impede qualquer inspeção.

Para tornar essas coisas objeto de interesse e de exame detalhado, é preciso, em primeiro lugar, recortá-las e separá-las do ciclo vicioso da rotina cotidiana que, apesar de confortadora, nos embota os sentidos. É preciso, em primeiro lugar, pô-las à parte e mantê-las a distância, antes que possamos conceber examiná-las de modo correto: quer dizer, sua alegada “normalidade”, um blefe, deve ser desde logo denunciada. Só depois poderemos desnudar e explorar os mistérios abundantes e profundos que elas escondem, aqueles que nos parecem estranhos e intrigantes quando começamos a pensar neles.

A distinção estabelecida por Benjamin quase um século atrás não é mais tão clara hoje quanto naquela época: os marinheiros não têm mais o monopólio de visitar terras estranhas. Num mundo globalizado, onde lugar algum está de fato isolado e a salvo do impacto de qualquer outro lugar do planeta, deve ser difícil até distinguir as histórias narradas por um camponês daquelas contadas por um marinheiro.

O que tentarei fazer em minhas cartas é escrever histórias de *marinheiros* como se fossem contadas por *camponeses*. Narrativas baseadas em vidas comuns e costumeiras como forma de revelar e expor o que elas têm de extraordinário e que nos passaria despercebido. Se quisermos tornar verdadeiramente *familiares* coisas que parecem familiares, é preciso antes de mais nada fazê-las *estranhas*.

A missão é bem difícil. O sucesso não é garantido, e o êxito completo, para dizer o mínimo, é bastante duvidoso. Mas representa a missão que nós, autor e leitores dessas 44 cartas, tentaremos cumprir em nossa aventura conjunta.

Mas por que exatamente 44 cartas? Será que a escolha desse número tem um significado especial, ou é fruto do acaso, de uma decisão arbitrária, de uma escolha aleatória? Desconfio que a maioria dos leitores (provavelmente todos, à exceção dos poloneses) se fará essa pergunta. Devo a eles uma explicação.

O maior poeta romântico polonês, Adam Mickiewicz, evocou uma figura misteriosa, mistura ou híbrido de embaixador da liberdade, seu porta-voz e procurador legal, de um lado, e governador ou vice-regente na Terra, de outro. “O nome dele é Quarenta e Quatro”. Assim a criatura obscura foi apresentada por um dos personagens do poema de Mickiewicz no momento do anúncio/premonição de sua iminente chegada. Mas por que esse nome? Muitos historiadores da literatura, bem mais capacitados para encontrar uma resposta que eu, tentaram em vão solucionar o mistério. Alguns sugeriram que o nome escolhido corresponde à soma dos valores numéricos das letras do nome do poeta escrito em hebraico – possível alusão à elevada posição dele na luta pela libertação da Polônia e à origem judia de sua mãe. A interpretação em geral aceita é que Mickiewicz escolheu essa frase sonora e majestosa em polonês (*czterdzieści i cztery*) no auge da inspiração – mais motivado (ou talvez sem motivação alguma, como tende a ocorrer na maioria dos lampejos de inspiração) por uma preocupação com a harmonia poética do que pela intenção de transmitir uma mensagem cifrada.

As cartas reunidas neste livro foram redigidas ao longo de quase dois anos. Quantas delas deviam ser incluídas na obra? Quando e onde parar? O impulso para escrever cartas do mundo moderno líquido provavelmente nunca se esgotará – essa espécie de mundo que sempre saca da manga novas surpresas, que todo dia inventa novos desafios à compreensão humana, com certeza providenciará para que o ímpeto não cesse. Surpresas e desafios estão espalhados por todos os tipos de experiência humana – e por isso é inevitável que toda parada para relatá-los por escrito e além disso limitar seu escopo deve ser fruto de uma escolha arbitrária. Essas cartas não são exceções. Seu número foi escolhido arbitrariamente.

Mas por que este número, e não outro qualquer? Porque o número 44, graças a Adam Mickiewicz, representa o respeito e a esperança pela chegada da liberdade. Assim, ele assinala, ainda que de maneira oblíqua e somente para os iniciados, o motivo que inspira e orienta essas missivas. O espectro da liberdade está presente nas 44 cartas, cujos temas, todavia, são variados – mesmo que de maneira invisível, como é da natureza dos espectros dignos deste nome.